

## Venda de antidepressivos e ansiolíticos disparou em março



A venda de antidepressivos, antipsicóticos e ansiolíticos teve, em relação ao período homólogo, um aumento de 6,47% no 1.º semestre deste ano, na Região. Num único mês (em março) foram vendidas mais 19.707 embalagens em relação a fevereiro.

Em março deste ano, foram dispensadas pelas farmácias da Região 72.010 embalagens de medicamentos para doenças do foro psiquiátrico e nos quais se incluem os ansiolíticos, antidepressivos

e estabilizadores de humor, hipnóticos/sedativos e antipsicóticos.

Só naquele mês, e comparativamente ao que foi vendido em fevereiro (52.303), foram vendidas mais 19.707 embalagens.

Os dados, fornecidos ao JM pela Associação Nacional de Farmácias (ANF), mostram ainda que, em relação ao período homólogo (2019), nestes primeiros seis meses de 2020 houve um aumento de 6,47% em relação a estas vendas.

No total, foram dispensadas neste 1.º semestre 345.039 embalagens, mais 20.977 do que em 2019, o que mostra que houve, efetivamente, um aumento no consumo destes fármacos.

Segundo a ANF, o elevado aumento das vendas no passado mês de março poderá ter duas leituras.

Se, por um lado, o confinamento levou ao agravamento dos sintomas de quem já sofria de doenças do foro psiquiátrico, este também originou autênticas corridas às farmácias. Com a quarentena, muitos utentes tiveram receio de ficar sem medicação e acabaram por recorrer à compra de mais embalagens do que era habitual.

Aliás, recorde-se que no mês de março muitas farmácias na Madeira ficaram sem stock de máscaras, gel desinfetante e ainda apelaram à compra consciente de medicamentos como o paracetamol, que registou igualmente uma grande procura.

Todavia, há um outro aspeto que se destaca dos dados fornecidos pela ANF. Mesmo que os números se tenham 'estabilizado' em abril – voltando às 54.141 embalagens vendidas – em junho este número voltou a subir. Foram dispensadas naquele mês mais 4.267 embalagens em relação ao mês de maio.

### Dosagens têm aumentado

Acerca destes números, o psiquiatra Ricardo Alves começa por explicar que, de facto, os elevados valores de março podem estar relacionados com a garantia, por parte dos utentes, que, durante a quarentena, teriam em stock os seus medicamentos.

É que, recorda o médico, ao longo deste ano tem faltado “imensos medicamentos por parte dos fornecedores” e é natural que as pessoas se tivessem acautelado a esse nível, sobretudo durante o confinamento.

Mesmo assim, e já numa análise geral ao crescente aumento de consumo de ansiolíticos, antipsicóticos e antidepressivos na Região, Ricardo Alves confirma que este tem vindo a aumentar desde que a pandemia se instalou nas nossas vidas.

E, mais do que as prescrições, são as dosagens dos próprios fármacos que têm também vindo a aumentar. Quem já sofria de problemas psiquiátricos viu os sintomas agravados e continua a tê-los, assim, ampliados, porque ainda não há fim para esta pandemia.

“Não se sabendo prever o futuro, mantêm-se sempre os níveis de insegurança e ansiedade”, lembra o psiquiatra, garantindo que as pessoas não estão a ter vergonha em pedir ajuda psiquiátrica para ultrapassarem esta fase marcada pela incerteza.

O que tem acontecido, e este sim é um motivo de “preocupação”, é que muitas pessoas, por estarem em situações financeiramente desfavoráveis (muitas em situação de desemprego), deixaram de poder adquirir a medicação.

O especialista fala sobre esta nova realidade e alerta para este problema. Lembra que há patologias – desde esquizofrenias, doenças bipolares e outras – cuja medicação não pode ser interrompida e que, na falta dela, poderão gerar algum “caos”, não só ao nível familiar, mas também social.

Aliás, todo este cenário, relacionado com o agravamento das doenças do foro psiquiátrico, já era previsto pela comunidade médica assim que a pandemia se instalou. Tudo porque, como explica Ricardo Alves, “após uma grande calamidade, catástrofe ou outra situação, como por exemplo um terramoto, há um aumento brutal de situações da área da saúde mental”.

Contudo, o que está a acontecer neste momento, e o que acaba por tornar mais difícil o tratamento, é que não há término para a pandemia.

“O que temos de fazer é aprender a viver com esta realidade, com a maior normalidade possível”, aconselha o psiquiatra.

**345.039**

**EMBALAGENS** vendidas nos primeiros seis meses deste ano.

***Lúcia M. Silva***

In “*JM-Madeira*”